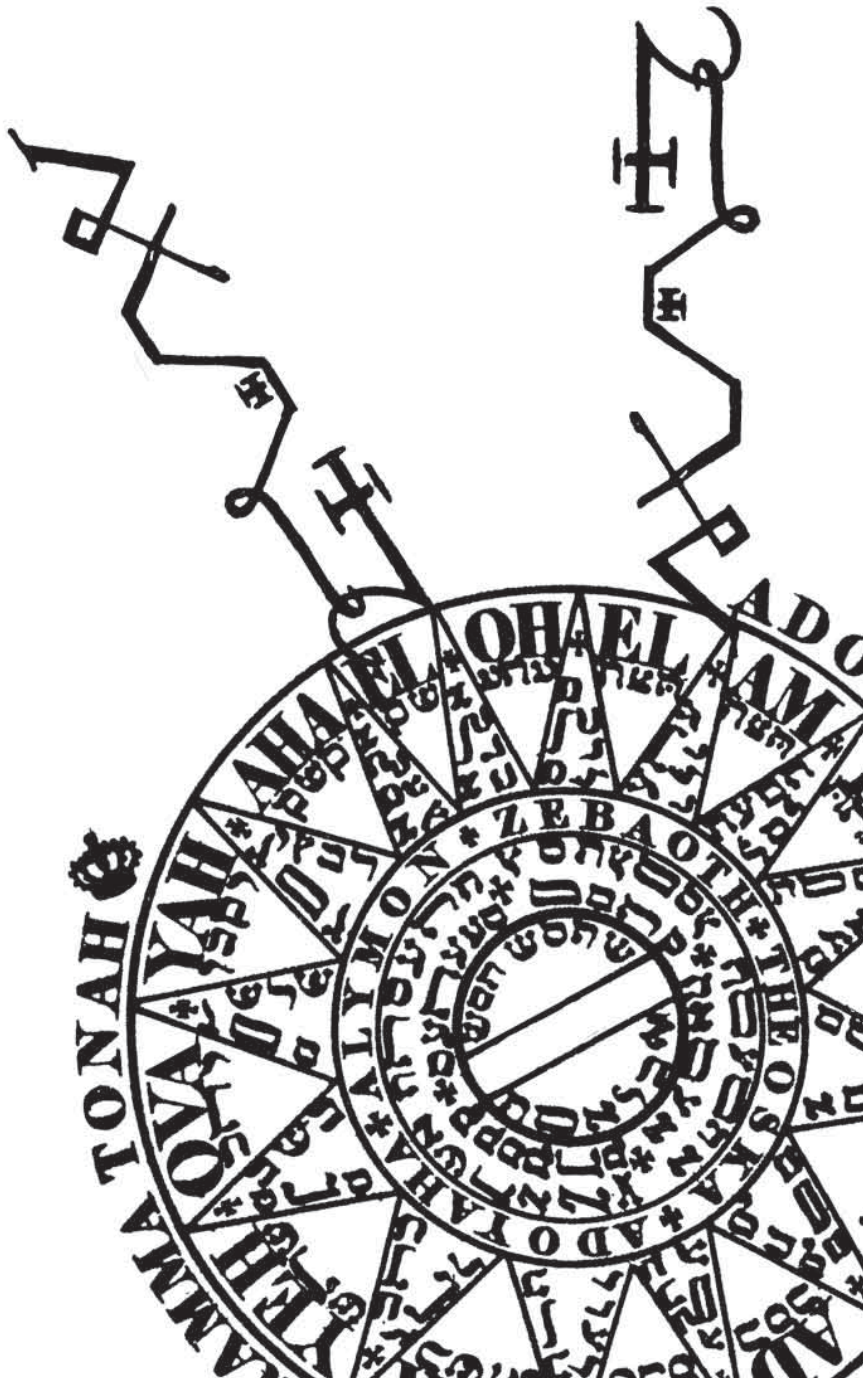


Para lá das grandes cordilheiras, estendiam-se as Terras do Norte. Era aí que residia o âmago do poder do seu inimigo. Era aí que Murmandamus disciplinava as suas forças. E era a partir desse reduto que ele avançava uma vez mais para atingir a vida do Príncipe de Krondor, Senhor do Ocidente, o homem que a profecia afirmava o iria liquidar, a Ruína das Trevas. Caso sobrevivesse.



magos as trevas de  
sethanon  
raymond e. feist

Tradução de José Remelhe e Rui Azeredo



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Dedico este livro à minha mãe,  
Barbara A. Feist,  
que não teve um único momento de hesitação*

## AGRADECIMENTOS

Visto que este livro assinala o fim da *Riftwar Saga*, a trilogia iniciada com *O Mago – Aprendiz* e continuada até *O Mago – Espinho de Prata*, considero necessário, uma vez mais, deixar um sentido agradecimento às pessoas que, de um ou de outro modo, contribuíram para a eventual qualidade e sucesso que os meus livros tenham alcançado:

Aos criadores originais de Midkemia: April e Stephen Abrams; Steve Barrett; Anita e Jon Everson; Dave Guinasso; Conan LaMotte; Tim LaSelle; Ethan Munson; Bob Potter; Rich Spahl; Alan Springer; Lori e Jeff Velten.

A muitos outros que se juntaram a nós às sextas-feiras ao longo dos anos, aliando o seu próprio estilo àquela coisa maravilhosa que é o mundo de Midkemia.

Aos meus amigos da Grafton Books, antigos e atuais.

Ao meu agente Harold Matson, que me deu a primeira oportunidade.

A Abner Stein, o meu agente na Grã-Bretanha.

E a Janny Wurts, dotada escritora e artista, por me explicar como tirar mais partido das minhas personagens quando eu pensava que já sabia tudo o que precisava de saber sobre elas.

Todos eles contribuíram de seu modo muito próprio para os três romances que constituem a *Riftwar Saga*. As obras teriam sido muito mais pobres com a ausência de um só deles.

Raymond E. Feist  
*San Diego, Califórnia*



Grande Cordilheira Setentrional

TERRAS DO NORTE

Montanha de Pedra

Lago do Céu

Elvandar

Crydee

Yabon

Tyr-Sog

O MUNDO

LaMut

Loriel

CORAÇÃO VERDE

Torres Cinzentas

Zün

O REINO

COSTA EXTREMA

Carse

Jonril

Walnor

Hush

Natal

Vale do Falcão  
Miradouro de Questor

Bordon

Montanhas Calastus

Bosqu

Mar Interminável

ESTREITOS DAS TREVAS

Cidades Livres

Lan

Limeth

Ranom

Reino de Queg

Mar Amargo

Queg

Itha do Feicicciro

Sarth

Sethanon  
GRANDE VOLT

Paul Negro

Krondor

Salador

Landreth

Dorgin

Mar de Sonhos

Vale dos Sonhos

Grande Lago das Estrelas

Caralyan

Montanhas dos Trolls

DESERTO de JAL-PUR

Os Pilares das Estrelas





As Garras do Mundo

Passagem de Ferro

Sentinela Setentrional

Bosque Negro

Castelo Altaneiro

Elevado



Romney

Tiburn

Euper

Dolth

Rodez

Ran

Somório

Bas-Tyra

Sadara

Silden

Cheam

Rillanon

Reino de Roldem

Cruz de Malac

MAR do Reino

Vale de Durrony

Timons

Extensões Verdejantes

TAUNTON PROFUNDO

Enscada Malva

Crista-Guia

Picos de Tranquilidade

Império do Grande Kesh

Ilha dos  
Destacamentos

Tundra dominada  
pelos Thun

Cidade dos  
Magos

IMPÉRIO DOS  
TSURANUANNI

AMBOLINA

Neshka

Mixoxa

Migran

Tusan

Nar

Rula

Pesh

Mar de Sangue

KELEWAN

Banganok  
(Ruínas)

OUSTARI

TSUBAR  
A TERRA PERDIDA

Grandes Desertos







ordilheira Elevada

COLTARI

entosani  
A Cidade Sagrada

Silmani

Lash

Barak

SZETAC

HOKANI

Yankora  
Profunda

Yankora

Sulan-Qu

lan-Qu

Jamar

Ontoset

Seran

na  
Grande Pântano

Cidade das Planícies

Passagem de Xula

HONSHONI

Terras Altas dos THURIL

Baía da Batacha

Kolth

Xula

Lepala

Confederação THURIL

Rujje

SUETO  
Wamar

Llama

Brigani



## SINOPSE

*A nossa história até ao momento...*

*Após a Guerra da Brecha contra os tsurani, invasores forasteiros do mundo de Kelewan, a paz reinara no Reino das Ilhas durante quase um ano. O Rei Lyam e os seus irmãos, o Príncipe Arutha e o Duque Martin, haviam partido em demanda pelas cidades de Leste e pelos reinos vizinhos, regressando depois à capital de Lyam, Rillanon. A sua irmã, a Princesa Carline, fizera um ultimato ao amado, Laurie, seu menestrel: deveria desposá-la ou abandonar o palácio. Arutha e a Princesa Anita haviam ficado noivos, e fizeram-se planos para o seu casamento em Kronдор, a cidade de Arutha.*

*Quando, certa madrugada, Arutha finalmente regressara a Kronдор, Jimmy Mãozinhas, um jovem larápio, surgiu-lhe no caminho e avistou um Noitibó, um assassino, cujo alvo era Arutha. Corria a lei de que se deveria fazer a participação imediata de todos os avistamentos de Mofadores. Jimmy ficara confuso relativamente a quem devia lealdade, aos Mofadores (o Grémio de Larápios), ou a Arutha, que conhecera no ano anterior. Antes de se conseguir decidir, Jack Risonho, um agente dos Mofadores, incriminara Jimmy de assassinato, prova de que Jack pertencia ao grupo dos Noitibós. Durante a emboscada, Jimmy ficara ferido e Jack Risonho perdera a vida. Fora então que Jimmy decidira avisar Arutha.*

*Depois de ser informado sobre a marosca, Arutha, Laurie e Jimmy ludibriaram dois assassinos e prenderam-nos no palácio. Arutha descobrira que os Noitibós estavam de algum modo ligados ao templo da Deusa da Morte, Lims-Kragma. Ordenara à Sumo-Sacerdotisa que o visitasse, mas aquando da sua chegada, um dos assassinos morrera e o outro encontrava-se moribundo. Ela encetara esforços para descobrir como os Noitibós se haviam infiltrado no seu templo. Às portas da morte, haviam descoberto que um dos Noitibós capturados era um moredhel disfarçado, um elfo negro. A criatura, então sem vida, erguera-se, convocara o seu mestre,*

*Murmandamus, e atacara a Sumo-Sacerdotisa e Arutha. Apenas a intervenção mágica do conselheiro de Arutha, o Padre Nathan, frustrara os intentos daquela criatura imortal.*

*Quando a Sumo-Sacerdotisa e o Padre Nathan recuperaram do suplício, avisaram Arutha de que poderes estranhos e obscuros visavam a sua morte. Arutha mostrara-se preocupado com a segurança do seu irmão, o Rei, e de outros convivas que iriam estar presentes na cerimónia do seu casamento, principalmente com a segurança da sua amada Anita. Decidido a encontrar uma solução rápida em vez de encetar uma investigação mágica mais aprofundada, Arutha incumbira Jimmy de agendar uma reunião com o Homem Reto, o misterioso líder dos Mofadores.*

*Na penumbra, Arutha foi recebido por um indivíduo que afirmava falar com a voz do Homem Reto, embora o Príncipe nunca tenha esclarecido se o seu interlocutor era, efetivamente, o líder dos larápios. Haviam chegado a acordo quanto à necessidade de erradicar os Noitibós da cidade e, no âmbito do acordo, Jimmy foi nomeado para serviço de Arutha na qualidade de escudeiro da corte do Príncipe. Jimmy quebrou o juramento que fizera aos Noitibós e a sua carreira de larápio chegara ao fim.*

*Mais tarde, o Homem Reto mandara informar sobre o paradeiro dos Noitibós. Arutha e um regimento de soldados da sua confiança lançaram um ataque surpresa ao aquartelamento dos Noitibós, que ficava na cave do prostíbulo mais caro da cidade. Todos os assassinos foram mortos ou suicidaram-se. A descoberta do corpo do Dase Dourado, um larápio e falso amigo de Jimmy, revelara que os Noitibós haviam efetivamente infiltrado o reduto dos Mofadores. De seguida, os assassinos sem vida ergueram-se, uma vez mais graças a algum poder obscuro, e só foi possível destruí-los incendiando todo o edifício.*

*No palácio, Arutha decidiu que o perigo imediato passara, e a vida assumiu contornos de normalidade. O Rei, Embaixador do Grande Kesh, e outros dignitários chegaram ao palácio, e Jimmy vislumbrou Jack Risonho por entre a multidão. Jimmy ficou estupefacto, pois ficara convencido de que o falso larápio morrera.*

*Arutha alertou os seus conselheiros de maior confiança para o perigo e foi informado de que o Norte era palco de estranhos acontecimentos. Decidiu-se que existia uma ligação entre esses eventos e os assassinos. Jimmy chegou com a notícia de que o palácio estava minado de passagens*

*secretas e informou que avistara Jack. Arutha tomou medidas de precaução, tendo o cuidado de guardar o palácio, mas resolveu não adiar o casamento.*

*O casamento tornou-se o local de encontro de todos aqueles que se haviam separado desde a Guerra da Brecha: além da comitiva real, Pug, o mago, regressara de Stardock, sede da Academia dos Magos. Em tempos residira em Crydee, terra do Rei e da sua família. Kulgan, o seu antigo mestre, compareceu na companhia de Vandros, Duque de Yabon, e Kasumi, antigo comandante tsurani, e então Conde de LaMut. O Rei Lyam fizera-se acompanhar pelo Padre Tully, que também fora mestre de Arutha quando este era criança, e que era agora conselheiro do Rei.*

*Imediatamente antes do casamento, Jimmy descobriu que uma janela fora forçada e que Jack Risonho estava escondido num zimbório com vista para o salão. Jack foi mais forte do que o rapaz e aprisionou-o. Quando a cerimónia teve início, Jimmy conseguiu frustrar a tentativa de Jack para assassinar Arutha, atirando-se para a frente e pontapeando-o. Caíram ambos, mas foram salvos pela magia de Pug. Porém, depois de ser libertado, Jimmy percebeu que a seta de Jack atingira Anita.*

*Depois de examinar o ferimento de Anita, e após conferenciar com o Padre Tully, o Padre Nathan revelou que a seta fora envenenada e que a Princesa estava às portas da morte. Jack foi interrogado e revelou a verdade sobre os Noitibós. Fora salvo da morte por um estranho poder designado Murmandamus, como paga pela tentativa de assassinar Arutha. Quanto ao veneno, tudo o que sabia era chamar-se Espinho de Prata. Depois de revelar isto, morreu. À medida que Anita definhava, Kulgan, o mago, lembrou que existia uma gigantesca biblioteca na abadia ishapiana em Sarth, uma vila que ficava na costa do Mar Amaro. Pug e o Padre Nathan usaram a sua magia para suspender Anita no tempo até encontrarem a cura.*

*Arutha prometeu viajar até Sarth e, após um elaborado estratagema para ludibriar possíveis espões, Arutha, Laurie, Jimmy, Martin e Gardan, Capitão da Guarda da Casa Real, dirigiram-se para norte. Na floresta a sul de Sarth foram atacados por cavaleiros moredhel envergando armaduras negras, sob o comando de um moredhel que Laurie reconheceu como tratando-se de um chefe dos clãs das montanhas Yabon. Após perseguirem a comitiva de Arutha até à abadia de Sarth, os moredhel foram afastados pela magia do Irmão Dominic, um monge ishapiano. Os agentes de Murmandamus lançaram mais duas ofensivas à abadia, por*

pouco causando a morte do Irmão Micah, que reconheceram como o antigo Duque de Kronдор, Lorde Dulanic. O Padre John, que era o Abade, explicara a Arutha que havia uma profecia relacionada com o regresso dos moredhel ao poder, assim que o «Senhor do Ocidente» fosse eliminado. Um dos agentes de Murmandamus apelidara assim Arutha, por isso parecia que os moredhel estavam convictos de que a profecia estaria prestes a concretizar-se. Em Sarth, Arutha também ficou a saber que Espinho de Prata se tratava da corruptela de uma palavra do idioma elfo, pelo que decidiu viajar até Elvandar e ao tribunal da Rainha dos Elfos. Arutha ordenou a Gardan, a Dominic e ao Abade que viajassem até Stardock, para transmitirem as novidades a Pug e aos outros magos.

Em Ylith encontraram Roald, um mercenário e amigo de infância de Laurie, e também Baru, um montanhês hadati do Norte de Yabon. Baru andava no encalço do estranho chefe moredhel, a quem chamavam Murad, para vingar a destruição da sua aldeia. Concordaram ambos em acompanhar Arutha. Em Stardock, Dominic e Gardan foram atacados por criaturas voadoras rudimentares, servas de Murmandamus, mas foram salvos por Pug. Dominic conheceu o mago Kulkan e também Katala, a mulher de Pug, bem como William, o filho de Pug, e ainda Fantus, o dragonete. Pug escutou o seu relato e pediu ajuda aos outros magos de Stardock. Rogen, um vidente cego, teve uma visão que implicava um tenebroso poder subjacente a Murmandamus, que lançou um ataque contra o ancião para lá das barreiras do tempo e da probabilidade, desafiando todos os conhecimentos de magia de Pug. Gamina, uma rapariga muda, protetora de Rogen, partilhou com ele a visão, e o seu grito mental deixou Pug e o seu séquito estupefactos. Rogen sobreviveu à provação, e Gamina utilizou as suas capacidades telepáticas para recriar a visão para Pug e os outros. Vislumbraram assim a destruição de uma cidade, e a terrível entidade da visão que falava um antigo idioma tsurani. Pug e os outros que conheciam este idioma ficaram espantados ao ouvirem esta língua de Kelewan quase esquecida.

Em Elvandar, Arutha e o seu séquito encontraram os gwali, uns seres simiescos que estavam de visita aos elfos. Os elfos relataram estranhos encontros com batedores moredhel junto às fronteiras norte das suas florestas. Arutha explicou a sua missão e Tathar, conselheiro da Rainha Aglaranna, e Tomas, Príncipe Consorte e herdeiro do antigo poder dos valheru (Senhores dos Dragões), falaram-lhe sobre o Espinho de Prata. O

*Espinho de Prata crescia em certo lugar, nas margens do Lago Negro, em Moraelin, terra de poderes obscuros. Tathar informou Arutha de que seria uma viagem perigosa, mas Arutha prometeu continuar.*

*Em Stardock, Pug percebeu que a ameaça para o Reino era de origem tsurani. De algum modo, Kelewan e Midkemia pareciam ter uma vez mais os seus destinos unidos. A única fonte de informações possível sobre esta ameaça seria a Assembleia dos Magos em Kelewan, a qual pensavam estar-lhes eternamente vedada. Pug revelou a Kulgan e aos outros que descobrira uma maneira de regressar a Kelewan. Ignorando as suas objeções, decidiu regressar para ver que informações conseguiria obter. Assim que tal foi decidido, Meecham, o guarda-florestal, companheiro de Kulgan de há anos, e Dominic exigiram que Pug os levasse com ele. Pug criara uma brecha entre os dois mundos e os três transpuseram-na. De regresso ao Império Tsuranuanni, Pug e os seus amigos falaram primeiro com Netoha, o antigo vendedor de propriedades de Pug, depois com Kamatsu, Senhor dos Shinzawai, e pai de Kasumi. O Império estava em tumulto, na iminência de uma rutura entre o Senhor da Guerra e o Imperador, mas Kamatsu prontificara-se a transmitir o alerta de Pug quanto a este obscuro terror ao Conselho Supremo, pois Pug estava convencido de que, se Midkemia caísse, Kelewan se seguiria. Pug foi ao encontro de um velho amigo chamado Hochopepa, um colega mago, um Grandioso do Império. Hochopepa concordara defender a causa de Pug perante a Assembleia, pois Pug fora considerado traidor do Império e sobre ele recaía uma sentença de morte. Todavia, antes de conseguir partir, foram atacados por artes mágicas e capturados pelos homens do Senhor da Guerra.*

*Arutha e o seu séquito chegaram ao Lago Negro, Moraelin, ludibriando inúmeras patrulhas e sentinelas de moredhel. Galain, o elfo, fora enviado por Tomas para transmitir notícias de outra possível entrada em Moraelin. Informara Arutha de que os acompanharia até aos confins das «Pegadas do Desesperado», o desfiladeiro que circundava o planalto onde se localizava Moraelin. Arutha e o seu séquito dirigiram-se para o Lago Negro e descobriram um estranho edifício sombrio, que pensaram tratar-se de um edifício dos valheru. A demanda pelo Espinho de Prata foi infrutífera, e Arutha e os outros passaram a noite numa caverna sob o solo do planalto, por onde decidiram que deveriam entrar para o edifício.*

*Pug e os seus companheiros acordaram numa cela e perceberam que um feitiço bloqueara os seus poderes mágicos. Pug foi interrogado*

*pelo Senhor da Guerra e pelos seus dois ajudantes com poderes mágicos, os irmãos Ergoran e Elgahar, sobre os motivos que o fizeram regressar ao Império. O Senhor da Guerra estava convencido de que isso estaria relacionado com uma oposição política aos seus planos para usurpar o poder do Império ao Imperador. Nem ele nem Ergoran acreditaram na história de Pug sobre um estranho poder de origem tsurani que ameaçava Midkemia. Mais tarde, Elgahar dirigiu-se à cela de Pug para aprofundar o assunto, e afirmou que iria levar em consideração a advertência deste. Antes de sair, murmurou uma especulação a Pug, que Pug concordou ser possível. Hochopepa indagou Pug sobre essa especulação, porém Pug recusara revelar-lha. Mais tarde, Pug, Meecham e Dominic foram submetidos a tortura. Depois de Dominic entrar em transe para bloquear a dor, e de Meecham perder os sentidos, foi a vez de Pug ser torturado. A dor e a sua resistência à magia que bloqueava a sua fizeram com que Pug conseguisse utilizar a Senda da Magia Inferior, algo que até então fora considerado impossível. Aquando da chegada do Imperador na companhia do Senhor dos Shinzawai, Pug conseguira libertar-se e aos seus companheiros. O Senhor da Guerra foi executado, sob a acusação de traição, e Pug conseguiu autorização para realizar uma investigação na Assembleia. Elgahar foi fundamental na libertação de Pug e, quando lhe perguntaram porquê, revelou a especulação que partilhara com Pug. Ambos acreditavam que o Inimigo, o antigo terror que conduziu as nações a Kelewan na época das Guerras do Caos, regressara. Na Assembleia, Pug descobriu uma referência a estranhos seres que habitavam o gelo polar, os Vigilantes. Deixou os outros e partiu com os amigos em busca dos Vigilantes, enquanto Hochopepa, Elgahar, Dominic e Meecham regressavam a Midkemia e à Academia.*

*Enquanto estava escondido, Jimmy ouviu uma conversa entre um moredhel e dois renegados humanos, que lhe permitiu antever que algo não estava bem com o edifício negro. Jimmy convenceu Arutha de que deveria ir explorar sozinho, pois assim minoravam-se as probabilidades de ser apanhado por qualquer armadilha ou emboscada. Jimmy entrou sozinho no misterioso edifício negro e descobriu algo que parecia ser o Espinho de Prata, mas naquele local muitas eram as coisas que pareciam ser falsas. Jimmy regressou à caverna e informou que o edifício não era mais do que uma gigantesca cilada. Após posterior investigação, perceberam que a caverna integrava uma descomunal habitação subterrânea*



dos valheru, praticamente irreconhecível após anos de erosão. Foi então que Jimmy conjecturou que o Espinho de Prata deveria encontrar-se debaixo de água, pois os elfos haviam-no plantado junto às margens da água e chovera bastante nesse ano. Nessa noite encontraram a planta e iniciaram o regresso a casa. Jimmy sofreu um ferimento, o que os atrasou. Ludibriaram as sentinelas moredhel, mas foram forçados a abater uma, o que deixou de sobreaviso Murad, que liderava a corporação designada para capturar Arutha. Perto da fronteira das florestas dos elfos, o séquito exaurido viu-se forçado a parar. Galain seguiu em frente, em busca do seu semelhante Calin e dos outros guerreiros elfos. A primeira hoste dos moredhel acerçou-se de Arutha, mas foi repelida. Porém, Murad chegou com o seu exército mais poderoso, que incluía Exterminadores Negros. Baru desafiou Murad para um combate entre os dois, e o estranho código de honra dos moredhel obrigou-o a aceitar. Baru aniquilou Murad no combate entre ambos, arrancando-lhe o coração para eliminar o risco de este regressar do reino dos mortos. Baru foi abatido por um moredhel antes de conseguir regressar para junto dos companheiros, e a batalha prosseguiu. Quando os homens do Príncipe estavam quase a ser derrotados, os elfos chegaram e repeliram os moredhel. Encontraram Baru moribundo, e os elfos levaram o Príncipe e o seu séquito para a segurança de Elvandar. Os Exterminadores Negros mortos ressuscitaram e perseguiram os elfos até aos confins de Elvandar, onde Tomas chegou com os Urdidores de Feitiços e destruiu os Exterminadores Negros. Durante as festividades dessa noite, Arutha foi informado de que Baru sobreviveria após uma longa convalescença. Arutha e Martin pensavam que chegara o fim da sua demanda, mas estavam ambos conscientes de que a batalha era apenas parte de um conflito mais vasto, cujo final não fora ainda traçado.

Pug chegou aos confins norte do Império e, deixando os seus guardas tsurani, seguiu caminho pela tundra dominada pelos thün. As estranhas criaturas semelhantes a centauros, que se autoapelidavam de Lasura, enviaram um guerreiro ancião para conversar com Pug. A criatura revelou-lhe a existência de habitantes do gelo e afastou-se apressadamente, afirmando que Pug era louco. Por fim, Pug chegou ao glacial, onde foi recebido por um vulto encapuzado. O Vigilante que o recebeu conduziu-o para o subsolo da calota de gelo, onde existia uma fabulosa floresta mágica. Chamava-se Elvardein e em tudo se assemelhava a Elvandar. Pug

*descobriu que os thün eram elfos, os há muito desaparecidos eldar, ou elfos anciãos. Pug viria a permanecer com eles durante um ano e a aprender artes que ultrapassavam aquelas que já dominava.*

*Arutha chegou em segurança a Krondor com a cura para Anita. Esta foi reanimada, e fizeram-se planos para a concretização da cerimónia nupcial. Carline insistiu para que também ela e Laurie casassem prontamente e, pelo menos naquele instante, o palácio de Krondor foi palco de uma cena de alegria e felicidade.*

*A paz regressara ao Reino das Ilhas, e prolongou-se durante quase um ano...*

4.º VOLUME – AS TREVAS DE SETHANON

# MACROS REDUX

*Olhai! A Morte edificou o seu trono numa estranha  
cidade solitária.*

– Poe, *A Cidade no Mar*, 1.ª estrofe



## PRÓLOGO

### *Ventos Negros*

O vento soprava de nenhures. Ganhando vida como o troar do martelo que profere uma sentença, emanava o ardor de uma forja que antevia uma guerra inflamada e morte implacável. Assomava à existência a partir do centro de alguma terra perdida, emergindo de algum misterioso local entre a realidade e o imaginário. Soprava de sul, do tempo em que as serpentes andavam eretas e falavam uma língua antiga. Emanando ira, tresandava a uma iniquidade envelhecida, que ecoava longas profecias olvidadas. Rodopiava o vento num frenesim, redemoinhando do vazio, como que à procura do seu rumo, depois parecia repousar, soprando seguidamente para norte.

Enquanto cosia, a velha ama trauteava uma cantiga simples que durante gerações fora transmitida de mãe para filha. Fez uma pausa para contemplar o seu trabalho. As duas crianças pequenas sob a sua alçada dormiam, com os pequenos rostos serenos, enquanto sonhavam os seus pequenos sonhos. De quando em vez, os dedos fletiam-se, ou os lábios franziam-se em movimentos de sucção, para depois sossegarem novamente. Eram uns bebês lindos que se iriam tornar bonitos rapagões, disso a ama tinha a certeza. Quando atinxissem a idade adulta, guardariam simplesmente vagas recordações

da mulher que os protegia esta noite; porém, agora, pertenciam tanto a ela como à própria mãe, que acompanhara o marido a um jantar social. Foi então que um estranho vento entrou pela janela, enregelando-a, não obstante o calor que dele emanava. Produzia um ruído que lembrava uma misteriosa e retorcida dissonância, uma quase impercetível entoação malévola. A ama estremeceu e contemplou os meninos. Ficaram inquietos, como se estivessem prestes a despertar num pranto. A ama foi apressadamente até à janela e correu as venezianas, impedindo a entrada do enigmático e perturbador ar noturno. Por instantes, pareceu que o tempo parara, mas depois, como um ténue suspiro, a brisa esmoreceu e a noite retomou a sua tranquilidade. A ama aconchegou o xaile à volta dos ombros e os bebés agitaram-se inquietos durante mais uns instantes, até caírem num sono profundo e sereno.

Noutra divisão ali perto, um jovem dedicava-se a uma lista, esforçando-se por ignorar os seus gostos pessoais enquanto decidia quem escolher para servir numa pequena cerimónia no dia seguinte. Era uma tarefa que detestava, mas que realizava com destreza. Então o vento empurrou os cortinados da janela para o interior. Instintivamente, o jovem estava já meio levantado da cadeira, levando habilmente a mão a um punhal no cano da bota, assim que o seu sentido de defesa, adquirido nas ruas, o alertou para o perigo. Em posição de combate, permaneceu imóvel com o coração a palpitar durante muito tempo, com a certeza da iminência de uma luta até à morte que nunca antes tivera em toda a sua vida repleta de conflitos. Ao perceber que não estava ali ninguém, o jovem foi relaxando aos poucos. O momento perdeu-se. Abanou a cabeça, perplexo. Uma estranha inquietação instalou-se no seu estômago enquanto se aproximava lentamente da janela. Permaneceu longos minutos olhando fixamente para norte, para a penumbra, onde sabia estar localizada a cordilheira setentrional, e para além desta, onde o aguardava um inimigo de obscuros contornos. Os olhos do jovem estreitaram-se enquanto fitava a obscuridade, como que a tentar vislumbrar algum perigo à espreita nas trevas. Depois, quando o último resquício de ira e temor se esvaiu, retomou a sua tarefa. Porém, durante o resto da noite, ia deitando ocasionalmente uma olhadela pela janela.

...

**N**a cidade, um grupo de foliões perambulava pelas ruas, à procura de outra estalagem e de outros companheiros folgazões. O vento soprou por entre eles e estacaram por instantes, trocando olhares. Um deles, um mercenário de pele tisonada, recomeçou a caminhar, depois parou, pensativo. Perdendo subitamente o interesse pela diversão, despediu-se dos companheiros e regressou ao palácio onde pernoitava há quase um ano.

**O** vento soprou sobre o mar, onde um navio regressava ao porto de origem após uma longa patrulha. O capitão, um velho de alta estatura, com o rosto marcado e um olho branco, imobilizou-se quando o vento fresco o roçou. Estava prestes a dar ordens para baixarem as velas quando o seu corpo foi percorrido por um estranho calafrio. Olhou para o seu imediato, um homem com a cara cheia de bexigas que há anos o acompanhava. Trocaram olhares, depois o vento passou. O capitão fez uma pausa, deu ordens para os homens subirem aos mastros, e, após outro instante de silêncio, ordenou que se acendessem mais candeias para iluminar a opressiva penumbra que se fazia sentir.

**M**ais para norte, o vento soprou por entre as artérias da cidade, formando pequenos redemoinhos abespinhados que faziam tresloucadas cabriolas sobre a calçada, deslizando sobre o solo como um jogral demente. Nesta cidade viviam homens de mundo entre os nativos. Entre as forças da guarnição, um homem desse mundo lutava com outro, criado a menos de uma milha do local onde a peleja se travava, e faziam-se apostas entre os espetadores. Os dois homens já tinham caído uma vez, e o próximo a ir ao chão seria o derrotado. Subitamente, o vento estalou e os dois adversários estacaram, olhando à sua volta. A poeira atingiu os olhos dos espetadores e vários veteranos crestados pelo sol tentaram esconder estremecimentos. Sem proferirem palavra, os dois oponentes abandonaram o combate, e aqueles que tinham feito apostas levantaram os seus investimentos sem protestarem. Os presentes regressaram em silêncio aos seus aposentos, e o ambiente festivo do combate eclipsou-se antes do vento agreste.

**O** vento seguiu rumo ao norte até se abater sobre uma floresta onde pequenas criaturas simiescas, delicadas e tímidas, se enroscavam

nos ramos, procurando o calor que apenas a proximidade do contacto físico pode proporcionar. Por baixo, no chão da floresta, estava um homem sentado em postura meditativa. Tinha as pernas cruzadas e pousava os punhos sobre os joelhos, formando com os polegares e os indicadores círculos que representam a Roda da Vida à qual todos os seres estão vinculados. Os seus olhos abriram-se num repente assim que sentiu o primeiro roçar do vento enigmático, e contemplou o ser que se sentava diante dele. Um elfo ancião, revelando apenas os ténues vestígios da idade próprios da sua raça, contemplou o humano por instantes, lobrighando a pergunta não proferida. Acenou delicadamente com a cabeça. O humano apossou-se das duas armas que a seu lado estavam pousadas. Embainhou à cintura o comprido sabre e o gládio, e, com um simples aceno de despedida, abalou, caminhando por entre as árvores da floresta e dando início à sua jornada em direção ao mar. Lá chegado, iria procurar outro homem, um homem que também era amigo dos elfos, e tratar dos preparativos para o confronto final que em breve começaria. Enquanto o guerreiro seguia caminho rumo à costa, as folhas das árvores sussurravam por cima da sua cabeça.

Noutra floresta, as folhas também estremeciam, num ato de compaixão para com aqueles que eram perturbados pela passagem do vento enigmático. Para lá de um gigantesco abismo de estrelas, em redor de um Sol amarelo-esverdeado, rodopiava um planeta quente. Nesse mundo, debaixo da calota de gelo do Polo Norte, existe uma floresta em tudo semelhante à que o guerreiro viandante acabara de abandonar. Nas profundezas dessa segunda floresta, reunia-se em círculo um grupo de seres imbuídos de uma eterna sapiência. Urdiam magia. À sua volta formava-se um ténue e tépido brilho, enquanto permaneciam sentados sobre o solo desprotegido, envergando túnicas imaculadas ricamente coloridas. Mantinham os olhos fechados, mas conseguiam entrever tudo o que era suposto. Um deles, mais antigo do que a memória dos restantes, encontrava-se sentado acima do círculo, suspenso no ar pelo poder do feitiço que juntos haviam urdido. Os seus cabelos alvos pendiam-lhe sobre os ombros, e eram presos por um simples fio de cobre que ostentava uma pedra de jade na sua fronte. Mantinha as palmas das mãos viradas para cima e para a frente, e conservava os olhos fixos noutros olhos, nos de um humano de túnica negra que pairava diante dele. Esse humano



era sustentado pelas correntes de energia secreta que formava uma matriz em seu redor, transmitindo a sua consciência ao longo dessas linhas, de modo a dominar esta misteriosa magia. O humano de túnica negra sentava-se diante dele na mesma posição, com as palmas das mãos viradas para cima, mas mantendo os olhos fechados enquanto absorvia os ensinamentos. Acariciou mentalmente o tecido desta antiga magia dos elfos e sentiu as energias entrelaçadas de todos os seres vivos da floresta, recebidas e de bom grado oferecidas, nunca forçadas, para bem da comunidade. Era assim que os Urdidores de Feitiços usavam os seus poderes: com delicadeza, mas persistentemente, fiando as fibras destas energias naturais omnipresentes numa espiral de magia que podia ser utilizada. Tocou mentalmente na magia e compreendeu. Compreendeu que os seus poderes estavam a aumentar além do entendimento humano, assumindo contornos divinos quando comparados com o que em tempos julgara serem os limites dos seus dons. Assimilara imenso no último ano, mas sabia que ainda tinha muito para aprender. Porém, graças aos ensinamentos que recebera, dispunha agora de meios para encontrar outras fontes de conhecimento. Compreendia agora que os segredos que apenas os grandes mestres dominavam eram exequíveis: passar entre mundos usando apenas o poder da mente, viajar no tempo, e até mesmo ludibriar a morte. E graças a estes conhecimentos percebia que um dia descobriria uma maneira de dominar tais segredos, se tivesse tempo suficiente. E o tempo urgia. As folhas das árvores ecoavam o roçar do vento misterioso à distância. Quando ambos afastaram a mente da matriz, o homem de negro fitou com os seus olhos negros o ancião que diante dele planava. Comunicando com o poder da mente, o homem de negro disse: *Já, Acaila?*

O outro sorriu, e uns olhos azuis-claros evidenciaram-se com uma luz própria, uma luz que, ao primeiro vislumbre, havia assustado o homem de negro. Agora sabia que aquela luz emanava de um poder profundo que se sobrepunha a todos os poderes que conhecera num ente mortal, exceto num. Mas este era um poder diferente, não o sumptuoso poder desse outro, mas antes o brando poder da vida, do amor e da serenidade. Este ser era efetivamente uno com todos os que o rodeavam. Fitar aqueles olhos cintilantes era fazer parte de uma mesma entidade, e o seu sorriso era reconfortante. Porém, os pensamentos que atravessavam a distância que os separava enquanto

pairavam na direção ao solo eram perturbados. *Já lá vai um ano. Seria ótimo se tivéssemos mais tempo, porém o tempo não para, e pode ser que já estejais preparado.* De seguida, com uma textura de pensamento que o homem de túnica negra aprendera tratar-se de humor, acrescentou em voz alta:

— Mas preparado ou não, é chegada a hora.

Os restantes levantaram-se em simultâneo e, durante um instante de silêncio, o homem de negro sentiu as suas mentes unirem-se à dele, numa despedida final. Iriam enviá-lo de regresso para onde se estava a travar uma luta, uma contenda na qual ele iria desempenhar um papel fundamental. Porém, enviavam-no com muito mais do que possuía quando chegara junto deles. Sentiu o último contacto e disse:

— Obrigado. Regressarei a um local de onde possa chegar a casa sem demora.

Sem mais dizer, cerrou os olhos e eclipsou-se. Os seres que formavam o círculo permaneceram em silêncio por instantes, e depois regressaram aos seus afazeres. Nos ramos, as folhas continuavam a agitar-se e o eco do vento misterioso tardava em abrandar.

O vento misterioso soprou até chegar a um caminho estreito sobranceiro a um vale, onde um grupo de homens se aninhavam escondidos. Por um breve momento viraram-se para sul, como que à procura da origem daquele vento enigmático e inquietante, depois voltaram a observar as planícies lá em baixo. Os dois que se achavam mais perto da beira haviam cavalgado por muito tempo e a toda a brida em resposta ao relato de uma patrulha avançada. Lá em baixo reunia-se um exército sob estandartes de aspeto ameaçador. O líder, um homem alto, com cabelo que começava a embranquecer e com uma pala preta no olho direito, estava agachado por baixo da cumeeira.

— A situação é tão grave quanto supúnhamos — disse em tom sussurrado.

O outro homem, mais baixo, mas mais robusto, coçou uma barba preta raiada de cinzento ao agachar-se ao lado do companheiro.

— Não, é ainda pior — murmurou. — A julgar pelo número de fogueiras, está ali a formar-se uma tempestade e peras.

O homem da venda no olho sentou-se em silêncio durante algum tempo e depois disse:

— Bem, de algum modo ganhámos um ano. Eu esperava que eles nos atacassem no verão passado. É bom que estejamos preparados, pois agora atacam de certeza. — Deslocou-se agachado até ao local onde um homem alto e loiro segurava a sua montaria. — Vindes?

O segundo homem respondeu:

— Não, acho que vou ficar a observá-los mais algum tempo. Se vir quantos chegam e a que ritmo, poderei adiantar com quantos homens ele nos irá atacar.

O primeiro homem montou o cavalo.

— Que importa? Quando atacar, fá-lo-á com todos os disponíveis — disse o loiro.

— Acho que simplesmente não gosto de surpresas.

— Quanto tempo? — indagou o líder.

— Dois, três dias no máximo, depois disso o espaço ficará demasiado apinhado.

— Certamente que têm patrulhas no terreno. Dois dias no máximo. — Com um sorriso sinistro, adiantou: — Vós não sois grande coisa como companhia, mas ao fim de dois anos habituei-me a ter-vos por perto. Tende cuidado.

O segundo homem esboçou um largo sorriso. — O sentimento é recíproco. Vós tendes-los acicatado tanto nos últimos dois anos que iriam adorar chegar às portas da cidade com a vossa cabeça espetada numa lança.

— Tal não irá acontecer — respondeu o homem loiro. O sorriso franco contrastava com o seu tom de voz, transmitindo uma determinação que os outros dois bem conheciam.

— Sim, é bom que não aconteça. Agora, ide.

A companhia avançou, deixando para trás um cavaleiro para auxiliar o homem robusto na sua vigília. Passado um minuto de observação, murmurou em tom brando:

— O que andas a congeminar desta vez, seu desgraçado sem-vergonha? O que é que vais preparar contra nós este verão, Murmandamus?

## Festival

Jimmy percorreu o corredor numa correria. Os últimos meses haviam sido uma época de crescimento para Jimmy. Celebrar-se-ia o seu décimo sexto aniversário no dia do solstício de verão, embora ninguém soubesse a sua idade exata. Dezasseis parecia uma boa aposta, embora pudesse estar mais próximo dos dezasseite ou até mesmo dos dezoito anos. Sempre de porte atlético, os seus ombros tinham alargado e crescera quase uma cabeça desde que chegara à corte. Ostentava uma aparência mais adulta do que juvenil.

Mas há coisas que nunca mudam, e o sentido de responsabilidade de Jimmy era uma delas. Embora se pudesse confiar nele para tarefas importantes, o seu desprezo perante o trivial uma vez mais ameaçava envolver em caos o tribunal do Príncipe de Krondor. Era suposto que ele, na qualidade de Escudeiro Superior da Corte do Príncipe, fosse o primeiro a comparecer à Assembleia, mas, como já era seu hábito, o mais provável era ser o último. De algum modo, a pontualidade parecia esquivar-se-lhe. Chegava tarde ou demasiado cedo, mas raramente à hora marcada.

O Escudeiro Locklear encontrava-se à porta do salão menor, utilizado como ponto de encontro dos escudeiros, acenando freneticamente para que Jimmy se apressasse. De todos os escudeiros, apenas Locklear travara amizade com o escudeiro do Príncipe desde que Jimmy regressara com Arutha da demanda pelo Espinho de Prata. Não obstante, a primeira e rigorosa impressão de que Locklear era uma criança em muitos aspetos, o filho mais novo do Barão do Termo da Terra demonstrara uma certa propensão para a displicência, que surpreendia e agradava ao seu amigo. Independentemente do desleixo com que Jimmy elaborava qualquer estratégia, de uma maneira

geral, Locklear concordava com ele. Quando fora apanhado no meio de uma das artimanhas de Jimmy que tiravam a paciência aos oficiais da corte, Locklear aceitara o castigo de bom grado, considerando-o o preço justo a pagar por ter sido apanhado.

Jimmy entrou para o salão a toda a brida, e foi a deslizar pelo macio pavimento de mármore quando tentou parar. Duas dúzias de escudeiros ataviados de verde e castanho formavam duas fileiras organizadas no salão. Olhou em seu redor, reparando que todos se encontravam nos respetivos lugares. Ocupou o lugar que lhe era devido no preciso instante em que o Mestre de Cerimónias, Brian deLacy, assomou à porta.

Quando fora nomeado Escudeiro Superior da Corte, Jimmy pensara que o cargo acarretaria apenas privilégios e nenhuma responsabilidade. A sua opinião não tardara a mudar. Embora ocupasse um cargo modesto na corte, fazia parte integrante da mesma, e quando falhava com as suas obrigações era confrontado com o facto mais importante que todos os burocratas de qualquer país ou época conhecem: os seus superiores hierárquicos não estão interessados em desculpas, apenas em resultados. Jimmy reunia todos os erros cometidos pelos escudeiros. Até ao momento, o ano não fora bom para ele.

Com passadas calculadas e o farfalhar da túnica rubra e negra, o alto e digno Mestre de Cerimónias atravessou a divisão e foi colocar-se atrás de Jimmy, tecnicamente o seu primeiro assistente logo a seguir ao Mordomo-Mor da Casa Real, mas frequentemente o seu maior problema. Ladeando o Mestre deLacy estavam dois pajens da corte, de uniforme púrpura e amarelo, filhos de plebeus que iriam ser educados para serem criados no palácio, ao contrário dos escudeiros que um dia estariam entre os legisladores do Reino Ocidental. O Mestre deLacy bateu abstraidamente a bota com revestimento de ferro no chão e disse:

— Conseguiste chegar antes de mim outra vez, não foi, Escudeiro James?

Mantendo o semblante inalterável, não obstante as gargalhadas abafadas que alguns dos rapazes dos lugares mais atrás na formação deram, Jimmy respondeu:

— Não falta ninguém, Mestre deLacy. O Escudeiro Jerome encontra-se nos seus aposentos, mas tem justificação devido a uma lesão.

Com uma resignação enfatiada na voz, deLacy disse:

— Sim, constou-me acerca da vossa pequena desavença ontem no

campo de jogos. Não nos delonguemos com os vossos constantes embaraços com Jerome. Recebi outro comunicado do pai dele. Creio que, de futuro, limitar-me-ei a transmitir-te esses comunicados. — Jimmy tentou manter um ar inocente, mas não conseguiu. — Ora bem, antes de passar aos casos de hoje, julgo ser adequado salientar um facto: espera-se que todos vós vos comporteis como jovens cavalheiros. Neste sentido, creio também ser apropriado desincentivar uma nova tendência emergente, nomeadamente, fazer apostas em jogos em que a bola supostamente deve entrar numa barrica no Sexto Dia. Entendido? — A pergunta parecia dirigir-se ao grupo de escudeiros, porém, naquele instante, a mão de deLacy pousou sobre o ombro de Jimmy. — A partir de hoje acabaram-se as apostas, a menos que seja em algo aceitável, como nas corridas de cavalos, é claro. Que não restem dúvidas, isto é uma ordem.

Todos os escudeiros murmuraram em acordo. Jimmy acenou solenemente com a cabeça, secretamente aliviado por já ter feito a sua aposta na partida que se realizaria naquela tarde. Aquele jogo suscitara tanto interesse entre o pessoal e a baixa nobreza que Jimmy andava desesperadamente a tentar descobrir uma maneira de cobrar entrada. Seria elevado o preço a pagar caso o Mestre deLacy descobrisse que Jimmy já fizera a sua aposta no jogo, mas Jimmy achava que a honradez fora satisfeita. DeLacy nada dissera sobre apostas previamente apresentadas.

O Mestre deLacy analisou rapidamente o programa que Jimmy elaborara na noite anterior. Qualquer que fosse a queixa que o Mestre de Cerimónias tivesse a fazer sobre o seu Escudeiro Superior da Corte, nada tinha a ver com o trabalho do jovem. Todas as tarefas que Jimmy assumia eram devidamente concluídas; o problema residia habitualmente em convencê-lo a assumir as tarefas. Depois de atribuir as tarefas da manhã, deLacy disse:

— Quinze minutos antes da segunda hora da tarde reuniremos nos degraus do palácio, pois, às duas horas da tarde, o Príncipe Arutha e a sua comitiva chegarão para a Apresentação. Assim que a cerimónia terminar, podem tirar o resto do dia, por isso, quem tem cá família, pode ir juntar-se a ela. Todavia, dois de vós terão de permanecer aptos para dar apoio aos familiares e amigos do Príncipe. Para desempenhar tais funções escolhi os Escudeiros Locklear e James, que se apresentarão imediatamente no camarim do Conde Volney para esse fim. É tudo.

Jimmy permaneceu muito tempo estático num silêncio mortificado,

enquanto deLacy se afastava e a companhia de escudeiros destroçava. Locklear caminhou até junto de Jimmy e, encolhendo os ombros, disse:

— Ora bem, que sorte a nossa! Podem todos ir passear, comer, beber e... — olhou de soslaio para Jimmy e sorriu — beijar raparigas. E nós temos de permanecer junto de Suas Altezas.

— Eu mato-o — disse Jimmy, libertando o seu desagrado.

Locklear abanou a cabeça. — Ao Jerome?

— A quem mais? — Jimmy fez sinal para que o seu amigo o seguisse para o exterior do salão. — Foi ele quem deu com a língua nos dentes ao deLacy sobre as apostas. Foi para se vingar do olho negro que lhe ofereci ontem.

Locklear suspirou, resignado. — Não temos hipótese de vencer ao Thom, ao Jason e aos outros aprendizes se não jogarmos hoje. — Locklear e Jimmy eram os dois melhores atletas da companhia de escudeiros. Apenas Jimmy era mais rápido do que Locklear a manusear o gládio. Eram os dois os melhores jogadores de bola do palácio, e estando os dois impossibilitados de participar no jogo, era quase certo que os aprendizes seriam os vencedores. — Quanto foi que apostaste?

— Tudo — respondeu Jimmy. Locklear estremeceu. Há meses que os escudeiros reuniam a sua prata e o seu ouro para este jogo. — Bem, como é que eu poderia saber que o deLacy iria sair-se com esta? Além disso, a julgar por todas as nossas derrotas, as probabilidades de os aprendizes vencerem são de cinco para duas. — Passara meses a desenvolver uma tendência de derrotas no jogo dos escudeiros, antecipando esta grande aposta. Pôs-se a matutar. — Pode ser que ainda haja solução. Hei de pensar em algo.

— Hoje foi por um triz que não foste apanhado. O que foi que te atrasou? — perguntou Locklear, mudando de assunto.

Jimmy sorriu, e as suas feições desanuviaram. — Estive a conversar com a Marianna. — Depois a sua expressão assumiu novamente um ar de repulsa. — Ela iria encontrar-se comigo depois do jogo, mas agora temos de aturar o Príncipe e a Princesa. — Outra coisa que acompanhara Jimmy desde o verão anterior fora a descoberta das raparigas. Subitamente, a sua companhia e o que pensavam dele passaram a ser fatores essenciais. Considerando a sua educação e conhecimentos, principalmente em comparação com os dos outros escudeiros da corte, Jimmy parecia muito mais velho. O antigo larápio passara vários

meses a fazer-se notar entre as raparigas mais jovens que serviam no palácio. Marianna fora simplesmente a última a simpatizar com ele e a ficar maravilhada com aquele jovem escudeiro inteligente, espirituoso e bem-parecido. Os cabelos castanhos encaracolados de Jimmy, o seu sorriso fácil e os olhos negros flamejantes eram motivo de preocupação para os pais de várias raparigas que integravam a equipa de criadas do palácio.

Locklear tentava mostrar-se desinteressado, uma atitude que rapidamente se desgastava à medida que ele próprio se tornava cada vez mais o centro das atenções das raparigas do palácio. A cada semana que passava dava um pulo e já parecia da mesma altura de Jimmy. Os seus cabelos castanhos-aloirados e ondulados e os seus olhos de centáurea azul enquadrados por umas pestanas femininas, o seu sorriso encantador, e os seus modos amistosos e simples contribuía para a sua popularidade entre as moçoilas do palácio. Ainda não se habituara à ideia do sexo oposto, pois em casa eram só irmãos, mas a convivência com Jimmy já lhe revelara que as raparigas tinham algo mais do que julgara no Termo da Terra. — Bem — disse Locklear, estugando o passo, — se o deLacy não encontrar um motivo para te despedir, ou Jerome não contratar uns rufiões para te dar uma tarefa, algum ajudante de cozinha ciumento ou um pai zangado não hesitará em pentear-te o cabelo com um cutelo. Mas nenhum deles terá qualquer hipótese se chegarmos atrasados ao tribunal, pois o Conde Volney não hesitará em espetar as nossas cabeças em estacas. Despachemo-nos.

Com uma gargalhada e uma cotovelada nas costelas, Locklear apressou-se, seguido de perto por Jimmy, percorrendo os corredores. Um velho criado que limpava o pó levantou a cabeça para observar os dois rapazes numa correria, e, por instantes, refletiu sobre a magia da juventude. Depois, resignado com os efeitos do correr do tempo, retomou os seus afazeres.

**A** multidão aplaudiu quando os arautos começaram a descer os degraus do palácio. Aplaudiu porque, por um lado, seria agora governada pelo seu Príncipe que, embora algo distante, era bem respeitado e tido como imparcial. Aplaudiu porque, por outro, iria ver a Princesa que tanto adorava. Ela era um símbolo da continuação da antiga linhagem, uma ligação entre o passado e o futuro. Mas, acima de tudo, aplaudiu



porque se encontrava entre os felizardos cidadãos que teriam autorização para comerem da despensa do Príncipe e beberem da sua adegã.

O Festival de Apresentação realizava-se trinta dias após o nascimento de qualquer membro da família real. A sua origem ainda permanece envolta em mistério, mas pensava-se que os antigos legisladores da cidade soberana de Rillanon eram obrigados a mostrar ao povo, de todas as classes e estratos, que os herdeiros do trono haviam nascido imaculados. Atualmente, para o povo, era um feriado de boas-vindas, pois era como se lhes fosse concedido um Festival do Solstício de Verão adicional.

Os acusados de pequenos delitos foram amnistiados, as questões de honra foram resolvidas e os duelos foram proibidos durante uma semana e um dia após a Apresentação, todas as dívidas contraídas desde a última Apresentação (a da Princesa Anita, dezanove anos antes) foram indultadas; e durante aquela tarde e noite, as classes sociais seriam ignoradas, enquanto a plebe e a nobreza comiam à mesma mesa.

Quando Jimmy ocupou o seu lugar atrás dos arautos, compreendeu que havia sempre alguém que tinha de trabalhar. Alguém tinha de preparar todos os alimentos que hoje iriam ser servidos, e alguém teria de arrumar tudo à noite. E ele tinha de estar a postos para servir Arutha e Anita, caso precisassem. Soltando um suspiro, ponderou novamente sobre as responsabilidades que pareciam encontrá-lo onde quer que se escondesse.

Locklear cantarolava em voz baixa enquanto os arautos assumiam as suas posições, seguidos pelos membros da Guarda da Casa Senhorial de Arutha. A chegada de Gardan, Marechal da Corte de Krondor, e do Conde Volney, na qualidade de Chanceler do Principado, era sinal de que as cerimónias estavam prestes a começar.

O soldado de cabelo grisalho, com uma expressão de divertimento estampada no rosto negro, acenou com a cabeça ao corpulento Chanceler, depois fez sinal para que o Mestre deLacy iniciasse o protocolo. O bordão do Mestre de Cerimónias bateu no chão e os tocadores de trompetas e de tambores tocaram rufos e floreios. A multidão emudeceu quando o Mestre de Cerimónias voltou a bater com o bordão no chão, e o arauto clamou: — Escutai! Escutai! Sua Alteza, Arutha conDoin, Príncipe de Krondor, Senhor do Reino Ocidental, Herdeiro do trono de Rillanon. — A turba aclamou, embora fosse mais uma formalidade do que propriamente um entusiasmo genuíno. Arutha era

aquele tipo de homem que inspirava na população profundo respeito e admiração, não afeto.

Deu entrada um homem alto, esguio e de cabelos negros, envergando vestes castanhas de fina fazenda, com um manto vermelho, patente do seu posto, pelos ombros. Fez uma pausa, cerrando os olhos castanhos, enquanto o arauto anunciava a Princesa. Quando a esbelta Princesa de Krondor com os seus cabelos ruivos se juntou ao marido, o lampejo de felicidade que lhe transpareceu nos olhos verdes fez com que ele sorrisse, e a multidão começou a ovacionar fervorosamente. Ali estava a sua amada Anita, filha do predecessor de Arutha, Erland.

Embora a cerimónia propriamente dita não fosse muito demorada, a apresentação dos nobres demorou muito mais tempo. Um núcleo de nobres e de convidados do palácio tinha direito a apresentação pública. Anunciaram o primeiro par: — Suas Altezas, o Duque e a Duquesa de Salador.

Um jovem bem-parecido, de cabelos loiros, oferecia o braço a uma mulher de cabelos negros. Laurie, antigo menestrel e viajante, atualmente Duque de Salador e marido da Princesa Carline, acompanhou a sua bela esposa até junto do seu irmão. Haviam chegado a Krondor uma semana antes, para visitarem os sobrinhos, e iriam ficar mais uma semana.

O arauto prosseguiu a sua lengalenga enquanto apresentava os outros membros da nobreza e, finalmente, os dignitários de visita, incluindo o Embaixador keshiano. Lorde Hazara-Khan assomou acompanhado apenas de quatro guarda-costas, renunciando à habitual pompa keshiana. O Embaixador trajava ao estilo dos homens do deserto de Jal-Pur: um pano cobria-lhe a cabeça, deixando entrever apenas os olhos, e usava um longo manto índigo sobre a túnica branca e as calças enfiadas nos canos das botas que lhe davam quase até aos joelhos. Os guarda-costas vestiam de negro da cabeça aos pés.

Posto isto, deLacy avançou e disse:

— Deixai que o povo se aproxime. — Várias centenas de homens e mulheres de diversas classes, desde o mais desgraçado mendigo ao plebeu mais abastado, reuniram-se junto aos degraus do palácio.

Arutha proferiu os habituais dizeres da Apresentação: — Celebra-se, hoje, o tricentésimo décimo dia do segundo ano do reinado do nosso Senhor Rei, Lyam, Primeiro. Hoje, apresentamos os nossos filhos.

DeLacy bateu com o bordão no chão e o arauto gritou:

— Suas Altezas Reais, os Príncipes Borric e Erland. — A multidão irrompeu num frenesim de brados e vivas enquanto os filhos gémeos de Arutha e Anita, nascidos um mês antes, eram apresentados ao público pela primeira vez. A ama escolhida para velar pelos meninos avançou e entregou-os à mãe e ao pai. Arutha pegou em Borric, que recebera o nome do seu pai, e Anita pegou naquele que fora batizado com o nome do seu. Os dois bebés suportaram a apresentação em público com graciosidade, embora Erland revelasse sinais de começar a ficar rabugento. A multidão continuou a dar vivas, mesmo depois de Arutha e Anita terem devolvido os filhos à ama. Arutha presenteou a massa que se apinhava ao fundo dos degraus com outro raro sorriso. — Os meus filhos são saudáveis e fortes, nasceram sem mácula. São apropriados para governar. Aceitam-nos como filhos da Casa Real? — A multidão gritou em consentimento. Anita espelhou o sorriso do marido. Arutha acenou ao povo. — Os nossos agradecimentos, minha boa gente. Até ao banquete, despeço-me desejando-vos um bom-dia.

A cerimónia terminara. Jimmy apressou-se a juntar-se a Arutha, como era sua obrigação, enquanto Locklear se postou junto a Anita. Locklear era formalmente um escudeiro subordinado, porém era tantas vezes destacado para servir a Princesa que amiúde o tomavam por escudeiro pessoal da soberana. Jimmy suspeitava que deLacy desejava mantê-lo perto de Locklear para que desse modo fosse muito mais fácil vigiá-los. O Príncipe lançou a Jimmy um semissorriso distraído, enquanto observava a mulher e a cunhada azafamadas com os gémeos. O Embaixador keshiano retirara o véu tradicional que lhe toldava o rosto e sorria ao observá-las. Os quatro guarda-costas mantinham-se por perto.

— Vossa Alteza — disse o keshiano, — sois amplamente abençoado. Bebés saudáveis são uma dádiva dos deuses. E são do sexo masculino. Ambos.

Arutha comprazia-se ao contemplar a esposa, que parecia radiante ao observar os seus filhos nos braços da ama. — Muito agradecido, Lorde Hazara-Khan. É um prazer inesperado encontrar-vos entre nós este ano.

— O tempo em Durbin está horrível este ano — respondeu absorto enquanto começava a fazer caretas para o pequeno Borric. Subitamente, recordou-se do posto que ocupava e, assumindo um tom mais formal, acrescentou:

— Além disso, Vossa Alteza, temos um assunto de segunda monta a tratar relativamente às novas fronteiras aqui no Ocidente.

Arutha soltou uma gargalhada. — No vosso caso, meu caro Abdur, assuntos de segunda monta transformam-se em grandes preocupações. Não tenho muita vontade de me sentar convosco outra vez à mesa de negociações. Não obstante, transmitirei a Sua Majestade todas as sugestões que tendeis.

— Aguardarei a deferência de Vossa Majestade — disse o keshiano com uma vénia.

Arutha pareceu reparar nos guardas. — Não vejo os vossos filhos nem Lorde Daoud-Khan entre os presentes.

— Ficaram encarregados das obrigações de que habitualmente me ocupo entre o meu povo de Jal-Pur.

— E estes, quem são? — indagou Arutha, indicando os quatro guarda-costas. Trajavam completamente de negro, até mesmo as bainhas das suas cimitarras, e, embora os seus hábitos em tudo se assemelhassem aos dos homens do deserto, eram diferentes de tudo o que alguma vez vira num keshiano.

— Estes são izmalis, Alteza. São a minha proteção pessoal, nada mais.

Arutha optou por nada mais adiantar pois o aglomerado de pessoas à volta dos bebés pareceu dissipar-se. Os izmalis eram afamados guarda-costas, a melhor proteção disponível para a nobreza do Império do Grande Kesh, mas corriam rumores de que também eram espões altamente especializados e, ocasionalmente, assassinos. As suas capacidades eram quase lendárias. Tinham reputação de serem quase como espetros no que dizia respeito a aproximarem-se e afastarem-se sem se fazerem notar. Arutha não apreciava a ideia de ter entre as suas paredes homens que eram praticamente assassinos, mas Abdur tinha direito à sua comitiva; além disso achava pouco provável que o Embaixador keshiano trouxesse para Krondor alguém que pudesse representar algum perigo para o Reino. Inquieto, Arutha nada mais disse.

— Também temos de falar sobre o último pedido de Queg relativamente aos direitos de atracagem nos portos do Reino — disse Lorde Hazara-Khan.

Arutha mostrou-se francamente estupefacto. Então, a sua expressão assumiu contornos de irritação. — Presumo que um pescador que

ia a passar vos tenha falado nesse assunto quando desembarcastes na doca?

— Alteza, Kesh tem amizades em muitos sítios — respondeu o Embaixador com um sorriso insinuante.

— Bem, certamente de nada valerá comentar sobre o Corpo de Serviços Secretos Imperial de Kesh, pois ambos sabemos que — Hazara-Khan adiantou-se e disseram em unísono — tal organismo não existe.

Abdur Rachman Memo Hazara-Khan fez uma vénia e disse:

— Vossa Alteza dá-me licença?

Arutha fez uma ligeira reverência enquanto o keshiano se despedia, depois virou-se para Jimmy. — O quê? Vocês estão de serviço hoje, seus patifes?

Jimmy encolheu os ombros, indicando que não fora ideia sua. Arutha reparou na esposa a dar instruções à ama para que levasse os gêmeos para o berçário. — Ora bem, devem ter aprontado alguma que deixou deLacy irritado. Não obstante, não podemos permitir que percam toda a diversão. Constou-me que vai haver um jogo de bola especialmente bom logo à tarde.

Jimmy simulou surpresa, enquanto o rosto de Locklear se afoqueou. — Ouvi dizer que sim — disse Jimmy desinteressadamente.

Indicando aos rapazes para que o seguissem quando a comitiva do Príncipe começou a dirigir-se para o interior, Arutha disse:

— Pois bem, teremos de lá ir ver como corre, não é assim?

Jimmy piscou o olho a Locklear. Depois, Arutha acrescentou:

— Além disso, se vocês perderem a aposta, ninguém dará um tostão pelos vossos canastos quando os outros escudeiros vos apanharem.

Jimmy não proferiu palavra enquanto se dirigiam para o grande salão e para a receção à nobreza antes de darem autorização de acesso à plebe para o banquete que seria servido no pátio.

Depois murmurou para Locklear:

— Aquele homem tem o irritante hábito de estar sempre a par dos acontecimentos.

**A**s celebrações atingiam o apogeu, nobres misturavam-se com a plebe a quem fora concedida entrada no pátio do palácio. Havia sido dispostas compridas mesas repletas de alimentos e bebidas, e, para muitos dos presentes, esta seria a melhor refeição que iriam ter nesse ano.

Embora as formalidades estivessem a ser ignoradas, os plebeus mantinham a deferência para com Arutha e a sua comitiva, fazendo pequenas reverências e dirigindo-se a eles de modo formal. Jimmy e Locklear mantinham-se por perto, para o caso de precisarem deles.

Carline e Laurie seguiam de braço dado atrás de Arutha e Anita. Desde o seu casamento, os novos Duque e Duquesa de Salador haviam assentado um pouco, o que contrastava com o reconhecido e tempestuoso romance na corte do Rei.

— Muito me apraz o facto de poderdes ficar tanto tempo — disse Anita, dirigindo-se à cunhada. — No palácio de Kronдор só há homens. E agora, então, com dois rapazes...

— E a coisa ainda vai piorar — concluiu Carline. — Eu fui criada por um pai e dois irmãos, por isso bem vos percebo.

Arutha espreitou para Laurie por cima do ombro e disse:

— É sinal de que foi descaradamente mimada.

Laurie soltou uma gargalhada, mas ponderou melhor sobre o comentário quando percebeu os olhos da esposa a estreitarem-se.

— Da próxima vez quero uma menina — disse Anita.

— E depois podem mimá-la descaradamente — arriscou Laurie.

— Quando pensais ter filhos? — indagou Anita.

Arutha voltou-se da mesa com um jarro de cerveja e encheu a sua caneca e a de Laurie. Um criado apressou-se a servir copos de vinho às damas.

— Será quando Deus quiser. Não é por falta de tentativas, acreditei-me — respondeu Carline, virando-se para Anita.

Anita escondeu uma risadinha atrás da mão, enquanto Arutha e Laurie trocavam olhares. Carline perscrutou os rostos dos outros e disse:

— Não me digais que estais a corar? — Virou-se para Anita e acrescentou: — Homens.

— A última missiva de Lyam dava conta de que a Rainha Magda poderia estar de esperanças. Creio que saberemos com certeza quando enviar a próxima remessa de despachos.

— Pobre Lyam, sempre tão interessado nas damas, e ter de casar por razões de Estado — disse Carline. — Não obstante, ela é uma mulher decente, ainda que um pouco insípida, mas ele parece bastante feliz.

— A Rainha não é insípida — afirmou Arutha. — Se compararmos a vós, até um esquadrão de cavaleiros quegan é insípido. —

Laurie nada disse, mas os seus olhos azuis ressoaram o comentário de Arutha. — Só espero que seja um menino.

Anita sorriu. — Arutha está ansioso para que outro se torne Príncipe de Krondor.

Carline contemplou o irmão conscientemente. — Mesmo assim, as questões de Estado não estariam resolvidas. Depois da morte de Caldric, Lyam dependerá mais de vós e de Martin do que nunca. — Lorde Caldric de Rillanon falecera pouco tempo após o casamento do Rei com a Princesa Magda de Roldem, deixando vago o cargo de Duque de Rillanon, Chanceler Real, Conselheiro Principal do Rei.

Arutha encolheu os ombros enquanto escolhia comida para o seu prato. — Acho que não irá encontrar candidatos para o cargo de Caldric.

— O problema é precisamente esse — interveio Laurie. — Demasiados nobres procuram ganhar vantagem sobre os seus vizinhos. Tivemos três escaramuças dignas de nota entre barões a oriente. Nada que justificasse a Lyam enviar o seu próprio exército, mas o suficiente para deixar nervosa toda a gente a oriente da Cruz de Malac. É por esse motivo que Bas-Tyra continua sem duque. Trata-se de um ducado demasiado poderoso para Lyam o outorgar a qualquer um. Se não tiverdes cuidado, darás por vós nomeado Duque de Krondor ou de Bas-Tyra se Magda não der à luz um rapaz.

— Basta — disse Carline. — Hoje é dia de festa. Hoje não se fala mais de política.

Anita tomou Arutha pelo braço. — Vamos. Fizemos uma boa refeição, está prestes a começar um festival, e os bebês estão a dormir tranquilamente. Além disso — acrescentou com um sorriso, — amanhã temos de começar a preocupar-nos em como vamos pagar este festival e o Festival de Banapis no próximo mês. Hoje desfrutamos daquilo que temos.

Jimmy conseguiu insinuar-se junto do Príncipe e disse:

— Vossa Alteza estaria interessada em assistir a um confronto? — Trocou olhares preocupados com Locklear, pois já passara a hora prevista para o início do jogo.

Anita lançou um olhar perscrutador ao marido. — Prometi ao Jimmy que iríamos assistir a um jogo de bola no qual ele maquinou participar hoje.

— Isso deve ser mais divertido do que outro espetáculo de malabaristas e atores — atalhou Laurie.

— Dizeis isso porque passastes a maior parte da vida junto de malabaristas e atores — interveio Carline. — Nos meus tempos de menina era costume sentarmo-nos a ver os rapazes à pancada num jogo de bola todos os Sextos Dias, enquanto fingíamos não estar a vê-los. Eu cá fico-me pelos malabaristas e atores.

— Porque é que vós os dois não acompanhais os rapazes? — adiantou Anita. — Hoje, a informalidade impera. Encontremo-nos mais tarde no Grande Salão para assistirmos ao entretenimento da noite.

Laurie e Arutha concordaram e seguiram os rapazes por entre a turba. Abandonaram o pátio central do palácio e atravessaram uma série de corredores que ligavam o complexo central do palácio a edifícios exteriores. Por detrás do palácio existia um enorme campo de treino, perto dos estábulos, onde os guardas do palácio faziam exercícios. Havia-se apinhado uma enorme multidão que ovacionava intensamente quando Arutha, Laurie, Jimmy e Locklear chegaram. Abriram caminho até à frente, afastando os espetadores. Alguns viraram-se para reclamarem ao serem empurrados, mas, ao divisarem o Príncipe, não voltaram a reagir.

Arranjaram lugar para eles atrás dos escudeiros que não jogavam. Arutha acenou na direção de Gardan, que estava do lado oposto do recinto com um batalhão de guardas que não estavam ao serviço.

— Isto, agora, está muito mais organizado do que dantes — disse Laurie depois de observar o jogo por instantes.

— São coisas do deLacy — atalhou Arutha. — Ele elaborou as regras do jogo depois de ter vindo queixar-se acerca do número de rapazes que ficavam demasiado combalidos para conseguirem trabalhar após uma partida. — Apontou com o dedo. — Vedes aquele sujeito com a ampulheta? É ele quem controla o tempo da partida. O jogo agora tem a duração de uma hora. Só podem jogar uma dúzia de rapazes de cada lado, e devem manter-se entre aquelas linhas delineadas a giz no chão. Jimmy, em que consistem as outras regras?

Jimmy estava a preparar-se, tirando o cinto e a adaga. — Não se pode jogar com as mãos, como sempre — explicou. — Quando um dos lados pontua, recua para além da linha intermédia e os opositores podem avançar com a bola. É proibido morder ou agarrar o adversário, nem são permitidas armas.



— Não são permitidas armas? — indagou Laurie. — Parece-me muito inofensivo.

Locklear já despira a sobrecasaca e o cinto e tocou no ombro de outro escudeiro. — Como está o resultado?

O escudeiro não desviou o olhar da partida. Um moço de estrebaria, que levava a bola à sua frente com os pés, foi rasteirado por um dos colegas de equipa de Jimmy, mas a bola foi intercetada por um aprendiz de padeiro, que habilmente a pontapeou para um dos dois barris que se encontravam em ambas as extremidades do campo. O escudeiro resmungou. — Com este tento, eles ficam a ganhar por quatro a dois. E já só falta menos de um quarto de hora de jogo.

Jimmy e Locklear olharam para Arutha, que acenou com a cabeça. Dispararam em direção ao campo, substituindo dois escudeiros encardidos e ensanguentados.

Jimmy recebeu a bola de um dos dois juízes, outra inovação de deLacy, e pontapeou-a para a linha intermédia. Locklear, que se posicionara precisamente aí, apressou-se a chutá-la novamente para Jimmy, para surpresa dos vários aprendizes que se lançaram a ele. Rápido como um relâmpago, Jimmy passou por eles antes que conseguissem recuperar do choque, agachando-se de um cotovelo que lhe fora apontado à cabeça. Chutou a bola para a abertura de um barril. Esta foi embater no rebordo e caiu para fora, mas Locklear esquivou-se do aglomerado e fez o tento na recarga. Os escudeiros e um elevado número de elementos da pequena nobreza puseram-se de pé a aplaudir. Agora, os aprendizes venciam por apenas um ponto.

Estalou uma pequena contenda e os juízes não tardaram em intervir. Como daí não resultaram graves danos, retomaram o jogo. Os aprendizes avançaram com a bola; Locklear e Jimmy recuaram. Um dos escudeiros mais corpulentos deu um valente encontrão a um ajudante de cozinha, fazendo com que fosse contra o que conduzia a bola. Jimmy atirou-se à bola como um gato, chutando-a na direção de Locklear. O escudeiro mais pequeno conduziu-a habilmente pelo campo fora, passando-a para outro escudeiro que se apressou a passá-la para trás quando vários adversários correram para ele. Um robusto moço de estrebaria passou a correr por Locklear. Em vez de tentar jogar a bola, baixou a cabeça e arrastou Locklear e a bola para lá da linha lateral. Arreventou prontamente uma briga e, depois de os juízes separarem os intervenientes, ajudaram

Locklear a levantar-se. O rapaz estava demasiado abalado para continuar, pelo que foi substituído por outro escudeiro. Como os dois adversários haviam estado fora dos limites do recinto, o juiz considerou que a bola não pertencia a nenhuma das equipas e lançou-a para o centro do campo. Os elementos das duas equipas tentaram recuperá-la e foi um adejar de cotovelos, joelhos e punhos.

— Assim é que este jogo deve ser jogado — comentou Laurie.

Subitamente, um moço de estrebaria libertou-se, e não havia ninguém entre ele e o barril dos escudeiros. Jimmy desatou a correr atrás dele e, ao perceber que não conseguiria intercetar a bola, atirou-se ao rapaz, repetindo a técnica que fora usada sobre Locklear. O juiz voltou a declarar que a bola não pertencia a nenhuma das equipas e eclodiu outro desaguisado no meio do campo.

Então um escudeiro chamado Paul ganhou a posse da bola e começou a conduzi-la na direção do barril dos aprendizes com uma destreza inesperada. Dois imponentes aprendizes de padeiro intercetaram-no, mas ele conseguiu passar a bola segundos antes de o deitarem por terra. A bola sobrou para o Escudeiro Friederic, que a passou para Jimmy. Este esperava outro ataque dos aprendizes, mas ficou surpreendido ao constatar que eles recuavam. Tratava-se de uma nova tática, que visava contrapor os passes rápidos que Jimmy e Locklear haviam imposto no jogo.

Os escudeiros junto às linhas laterais gritavam palavras de encorajamento.

— Já só faltam alguns minutos — gritou um deles.

Jimmy fez sinal para que o Escudeiro Friederic se posicionasse ao seu lado, gritou rápidas instruções, e depois arrancou. Fez um movimento para a esquerda e depois passou a bola novamente para Friederic, que recuou para o meio-campo. Jimmy seguiu para a direita e depois recebeu um passe bem direcionado que Friederic fizera na direção do barril. Escapuliu-se a uma entrada de carrinho de um adversário e chutou a bola para dentro do barril.

A multidão ovacionou em reconhecimento, pois esta partida trazia algo de novo a este jogo: tática e habilidade. Naquilo que sempre fora um jogo duro estava a ser introduzido um elemento de precisão.

De seguida, mais uma briga. Os juízes apressaram-se a pôr-lhe termo, mas os aprendizes eram implacáveis na sua relutância em acabar

com a escaramuça. Virando-se para Laurie e Arutha, Locklear, cujos ouvidos tinham deixado de zunir, disse:

— Estão a tentar impedir que o jogo prossiga até acabar o tempo. Sabem que nós vamos ganhar se tivermos outra oportunidade de apanhar a bola.

Finalmente, a ordem foi repostada. Locklear achou que estava apto a regressar e substituiu um rapaz que se lesionara na briga. Jimmy fez sinal para que os seus escudeiros recuassem, murmurando rápidas instruções para Locklear, enquanto os aprendizes traziam lentamente a bola para a frente. Tentaram realizar os passes demonstrados por Jimmy, Friederic e Locklear, mas evidenciaram fraca destreza. Por duas ocasiões quase chutaram a bola para fora das quatro linhas antes de recuperarem o controlo dos passes extraviados. Foi então que Jimmy e Locklear atacaram. Locklear fingiu arremeter contra o que conduzia a bola, obrigando-o a passá-la, depois desatou a toda a brida na direcção do barril. Jimmy seguiu-o de perto, e os outros agiram como um resguardo, e conseguiram deter o passe mal direccionado, chutando a bola para Locklear. O rapaz menos corpulento recebeu o passe e partiu para o barril. Um defensor tentou impedi-lo, mas não conseguiu agarrar o escudeiro, que era mais veloz. Foi então que o aprendiz tirou algo de dentro da camisa e o arremessou a Locklear.

Aos espectadores estupefactos pareceu que o rapaz simplesmente caiu de cara no chão e a bola transpôs a linha lateral. Jimmy correu para junto do seu colega, depois levantou-se subitamente e desatou atrás do rapaz que estava a tentar trazer a bola de volta para o campo. Sem qualquer pretensão de retomar o jogo, Jimmy agrediu o aprendiz no rosto, fazendo-o tombar para trás. Estalou outra contenda, mas desta vez vários aprendizes e escudeiros dos dois lados juntaram-se à refrega.

— A coisa pode ficar feia. Achais que eu deva intervir? — perguntou Arutha a Laurie.

Laurie observou a rixa a aumentar de intensidade. — Sim, se quereis ter algum escudeiro intacto para vos servir amanhã.

Arutha fez sinal para Gardan, que ordenou a alguns soldados que entrassem em cena. Os guerreiros crestados pelo tempo não tardaram a repor a ordem. Arutha atravessou o recinto de jogo e ajoelhou-se junto ao local onde Jimmy estava sentado, embalando a cabeça de Locklear no

colo. — O estafermo acertou-lhe na nuca com uma ferradura. Ele está inanimado.

Arutha observou o rapaz caído, depois virou-se para Gardan e ordenou:

— Levem-nos para os seus aposentos e o cirurgião que o vá examinar. Este jogo acabou — afirmou, virando-se para o homem que controlava o tempo. Jimmy parecia na iminência de protestar, mas depois achou que era melhor não o fazer.

— A partida está empatada quatro a quatro. Não há vencedores — proclamou o homem que controlava o tempo.

— Pelo menos, também não há derrotados — disse Jimmy, soltando um suspiro.

Dois guardas pegaram em Locklear e levaram-no embora. — Continua a ser um jogo muito violento — disse Arutha, virando-se para Laurie.

O antigo menestrel aquiesceu com a cabeça. — DeLacy tem de elaborar mais algumas regras antes que comecem a partir cabeças.

Jimmy regressou ao local onde deixara ficar a túnica e o cinto enquanto a multidão dissipava. Arutha e Laurie seguiram-no. — Qualquer dia tentamos outra vez — disse o jovem.

— Seria interessante — concordou Arutha. — Agora que já conhecem o vosso truque estarão de sobreaviso.

— Nesse caso teremos de inventar outra coisa.

— Bom, sendo assim, acho que valeria a pena marcar uma data. Digamos, dentro de uma ou duas semanas. — Arutha pousou a mão sobre o ombro de Jimmy. — Acho que vou dar uma vista de olhos nas regras do deLacy. O Laurie tem razão. Se vão andar num tropel por todo o campo, não podemos permitir que atirem ferros uns aos outros.

Jimmy pareceu perder o interesse pelo jogo. Algo no meio da multidão despertou a sua atenção. — Vedes aquele sujeito ali? Aquele de túnica azul e chapéu cinzento?

O Príncipe olhou na direção indicada. — Não.

— Ele agachou-se precisamente quando olhastes. Mas eu conheço-o. Posso ir investigar?

Havia algo no tom de voz de Jimmy que deixava perceber que este não era outro estratagema para se esquivar às suas obrigações. — Vai. Mas não te demores muito. O Laurie e eu vamos regressar ao grande salão.

Jimmy foi a correr para o local onde avistara o fulano pela última vez. Parou e olhou em redor, depois avistou a silhueta familiar junto a uma escadaria estreita que dava para uma entrada lateral. O homem estava encostado à parede, oculto por sombras, a comer de um prato. Só levantou o olhar quando Jimmy se aproximou. — Ora aí estás tu, Jimmy Mãozinhas.

— Já não dou por esse nome. Agora sou o Escudeiro James de Krondor, Alvarny, o Veloz.

O antigo larápio riu entre dentes. — Eu também já não. Embora realmente fosse veloz no meu tempo. — Baixando a voz para que mais ninguém o conseguisse ouvir, acrescentou: — O meu amo envia uma mensagem para o teu. — Jimmy percebeu imediatamente que algo de grave se passava, pois Alverny, o Veloz, era o Mestre de Dia dos Mofadores, o Grémio de Larápios. Não era um simples andarilho errático, mas um dos colaboradores mais graduados e de confiança do Homem Reto. — Não tenho missiva escrita. O meu amo diz que as aves de rapina, que se pensava terem abandonado a cidade, regressaram do Norte.

Jimmy sentiu um calafrio no estômago. — Aquelas que caçam à noite?

O antigo larápio acenou com a cabeça enquanto mostrava na boca uma pasta acastanhada. Fechou os olhos por instantes e soltou um som de satisfação. Depois fitou Jimmy fixamente, estreitando os olhos enquanto falava. — Lamento que nos tenhas deixado, Jimmy Mãozinhas. Eras promissor. Poderias ter ido longe entre os Mofadores se conseguisses evitar que te cortassem a goela. Mas, como se diz, isso são águas passadas. Debrucemo-nos sobre o tema da mensagem. Encontraram o jovem Tyburn Reems a boiar nas águas da baía. Ficam lá perto locais onde os contrabandistas costumavam fazer as suas negociatas; um desses locais tresanda e reveste-se de pouca importância para os Mofadores e, por conseguinte, é negligenciado. Poderá ser aí o covil das referidas aves. Dito isto, nada mais tenho a acrescentar. — Sem proferir outra palavra, Alvarny, o Veloz, Mestre de Dia dos Mofadores e antigo chefe dos larápios, dirigiu-se vagarosamente para a multidão, eclipsando-se entre os convivas.

Jimmy não hesitou. Correu a toda a brida para o local onde deixara Arutha poucos minutos antes e, como não o encontrou, encaminhou-se para o grande salão. A turba que se apinhava diante do palácio

impediu-o de avançar com rapidez. Ver os corredores cheios de rostos desconhecidos deixou Jimmy subitamente alarmado. Nos meses desde que ele e Arutha haviam regressado de Moraelin com o Espinho de Prata para curar Anita haviam permanecido acalentados pela trivial qualidade da vida no palácio. Subitamente, o jovem lobrigava a adaga de um assassino em cada mão, veneno em cada copo de vinho, e um arqueiro em cada sombra. Passando com dificuldade entre os comensais, seguiu apressadamente o seu caminho.

Jimmy passou como uma flecha por entre o aglomerado de nobres e outros convidados menos distintos no grande salão. Perto do palanque juntava-se um grupo de pessoas absortas em conversas. Laurie e Carline conversavam com o Embaixador keshiano, enquanto Arutha subia os degraus para o trono. Um ajuntamento de acrobatas dedicava-se com afinco no centro do salão, obrigando Jimmy a contornar a clareira que se havia formado para eles, enquanto dezenas de cidadãos assistiam maravilhados. Enquanto se deslocava pelo emaranhado de pessoas, Jimmy olhou para cima, para as janelas do salão, onde as profundas sombras de cada cúpula o assombravam com as suas recordações. Sentia-se imensamente desgastado consigo mesmo. Acima de qualquer outra pessoa, ele deveria saber as ameaças que se podiam ocultar em tais lugares.

Jimmy passou apressadamente por Laurie e chegou junto de Arutha quando este se sentava no trono. Não avistava Anita em lugar algum. Deitou uma olhadela ao lugar que ela deveria ocupar e fez sinal com a cabeça. — Ela foi ver como estavam os bebês, porquê? — perguntou Arutha.

Jimmy debruçou-se sobre Arutha. — O meu antigo amo envia uma mensagem. Os Noitibós regressaram a Krondor.

A expressão de Arutha toldou-se. — Trata-se de uma especulação ou de uma certeza?

— Em primeiro lugar, o Homem Reto não enviaria quem enviou se considerasse que o assunto não era sério e que precisava de uma rápida solução. Expôs a público um alto graduado dos Mofadores. Em segundo lugar, há, ou melhor, havia um jovem trapaceiro que dava pelo nome de Tyburn Reems que costumava perambular pela cidade. Usufruía de isenções especiais dos Mofadores. Eram-lhe permitidas coisas a que poucos do nosso grémio têm direito. Agora percebo porquê. Ele era um agente

pessoal do meu antigo amo. Reems está morto. Creio que o Homem Reto foi alertado para a possibilidade do regresso dos Noitibós e que mandou Reems saber do seu paradeiro. Eles estão novamente escondidos algures na cidade. Onde, o Homem Reto não sabe, mas suspeita que seja nos arrabaldes do antigo reduto dos contrabandistas.

Enquanto falava com o Príncipe, Jimmy olhava em redor pelo salão. Quando finalmente olhou para ele, ficou sem fala. O semblante de Arutha era uma máscara rígida de cólera controlada, a ponto de lhe deformar o rosto. Alguns dos presentes viraram-se para o observar. — Então a coisa vai recomençar? — perguntou a Jimmy, num murmúrio dissonante.

— Assim parece — respondeu Jimmy.

Arutha levantou-se. — Não me tornarei um prisioneiro na minha própria casa, com guardas em cada janela.

Os olhos de Jimmy perscrutaram o salão, para além do ponto onde a Duquesa Carline fascinava o Embaixador keshiano. — Isso está muito bem, mas hoje é um dia em que a vossa casa está apinhada de desconhecidos. O bom senso comanda que vos retireis mais cedo para os vossos aposentos, pois se em algum dia houve uma oportunidade de ouro para alguém se acercar de vós, esse dia é hoje. — Os seus olhos adejavam de rosto para rosto, em busca de algum sinal. — Se os Noitibós estão novamente em Krondor, certamente estão neste salão ou vêm a caminho enquanto a noite cai. Podereis encontrá-los no caminho daqui para os vossos aposentos.

Subitamente, Arutha arregalou os olhos. — Os meus aposentos! Anita e os bebés!

O Príncipe desatou a correr, ignorando os rostos atarantados à sua volta, e Jimmy seguiu na sua peugada. Carline e Laurie perceberam que algo de errado estava a acontecer e seguiram-nos.

Em poucos instantes, dezenas de pessoas seguiram o Príncipe pelo corredor. Gardan observara a saída apressada e colara-se a Jimmy. — O que aconteceu?

— Noitibós — respondeu Jimmy.

O Marechal da Corte de Krondor não precisava de mais alerta. Agarrou pela manga o primeiro guarda que avistou no salão e indicou a outro que os seguisse. — Vai chamar o Capitão Valdis e ele que venha ter comigo — ordenou ao primeiro.

— Onde vos poderei encontrar? — indagou o soldado.

Gardan afastou-o com um empurrão. — Diz-lhe que nos procure.

Enquanto seguiam apressadamente caminho, Gardan reuniu cerca de uma dúzia de soldados para o acompanharem. Quando Arutha chegou à porta dos seus aposentos hesitou por um instante, como que receoso do que poderia encontrar lá dentro.

Depois de abrir a porta deparou-se com Anita sentada junto aos berços onde os seus filhos dormiam. Ela ergueu o olhar e o seu semblante assumiu prontamente uma expressão de alarme. — O que aconteceu? — indagou, dirigindo-se ao marido.

Arutha fechou a porta nas suas costas, indicando a Carline e aos outros que esperassem lá fora. — Para já, nada. — Fez uma pausa. — Quero que ides com os bebés fazer uma visita à vossa mãe.

— Ela ficaria radiante — respondeu Anita, porém o seu timbre de voz transpareceu inequivocamente que compreendia que havia mais além do que lhe revelavam. — Já venceu a doença, embora ainda não se sinta com forças para viajar. Vai ficar maravilhada. — De seguida fitou Arutha com um olhar perscrutador. — E estaremos mais protegidos na sua pequena propriedade do que aqui.

Arutha bem sabia que de nada servia tentar esconder algo de Anita. — Sim. Temos de nos preocupar outra vez com os Noitibós.

Anita acercou-se do marido e encostou a cabeça ao peito dele. A última tentativa de assassinato quase lhe roubara a vida. — Pessoalmente, nada receio, mas os bebés...

— Partirão amanhã.

— Tratarei dos preparativos.

Arutha beijou-a e encaminhou-se para a porta. — Regressarei em breve. O Jimmy aconselha a que não saia dos aposentos enquanto o palácio estiver repleto de desconhecidos. Um bom conselho, mas devo manter-me em público durante mais algum tempo. Os Noitibós não sabem que estamos cientes do seu regresso. Não podemos permitir que percebam, pelo menos para já.

— O Jimmy continua a querer ser o Conselheiro Principal do Príncipe? — disse Anita, encontrando disposição para rir no meio do terror.

Arutha sorriu ao ouvi-la. — Há quase um ano que não diz nada sobre ser nomeado Duque de Krondor. Por vezes, acho-o mais apto para ocupar esse cargo do que muitos outros que provavelmente irão assumi-lo.



Arutha abriu a porta e encontrou Gardan, Jimmy, Laurie e Carline à espera. Os outros tinham sido afastados por uma companhia da Guarda da Casa Real. O Capitão Valdis aguardava junto a Gardan. — Capitão, quero um batalhão completo de lanceiros preparados para avançar pela manhã — ordenou Arutha. — A Princesa e os Príncipes irão deslocar-se até às propriedades da mãe da Princesa. Protegei-os bem.

O Capitão Valdis fez continência e voltou-se para dar ordens. Arutha virou-se para Gardan e ordenou:

— Começai a posicionar lentamente homens por todo o palácio e esquadrihai todos os possíveis esconderijos. Se alguém perguntar por mim, dizei que Sua Majestade está indisposta e que estou a fazer-lhe companhia durante algum tempo. Em breve regressarei ao grande salão. — Gardan acenou com a cabeça e afastou-se. — Quero que me faças um recado — disse Arutha, dirigindo-se a Jimmy.

— Partirei imediatamente.

— O que pensas que vais fazer? — indagou Arutha.

— Ir às docas — respondeu o rapaz com um sorriso sinistro.

Arutha acenou com a cabeça, novamente agradado e surpreendido com a perspicácia do rapaz. — Sim, se preciso for, procura a noite inteira. Mas, assim que for possível, encontra o Trevor Hull e trá-lo até mim.